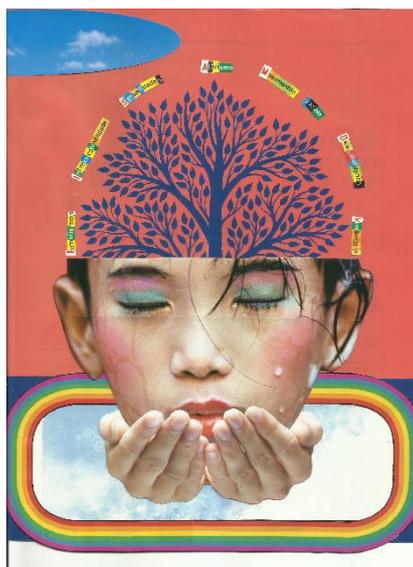


## MÉDIA, GÊNERO E DIREITOS HUMANOS: DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS

**Carla Cerqueira<sup>1</sup>**

**Anabela Santos<sup>2</sup>**



Paper collage: Ariana Mei (Portugal)

Os média assumem um papel central enquanto (in)formadores da opinião pública, constituindo “lugares sociais e políticos de construção de identidades” (Silveirinha, 2004: 9). São dos mais importantes agentes de socialização, influenciando aquilo que

se pensa e como se age individual e coletivamente. Neste sentido, a atenção que tem sido prestada aos média e à relação destes com as (des)igualdades de género e os direitos humanos já não é recente, tendo tido o seu início nas décadas de 1960 e de 1970 (Cerqueira

---

<sup>1</sup> Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, Portugal. Atualmente é bolsista de pós-doutoramento em Ciências da Comunicação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/86198/2012), investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, e professora auxiliar na Universidade Lusófona do Porto, Portugal.

<sup>2</sup> Bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PD/BD/105928/2014), frequentando atualmente o Programa Doutoral FCT em “Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade” (Universidade do Minho).

& Cabecinhas, 2012). Desde essa altura até à atualidade, houve mudanças substanciais nas relações de gênero, no ativismo feminista, no campo mediático e na sociedade em geral (Byerly, 2013; Carter, Steiner & McLaughlin, 2015; Gallagher, 2014; Gallego, 2013; Krijnen, Álvares & Van Bauwel, 2011; Krijnen & Van Bauwel, 2015; Lobo, Silveirinha, Subtil, & Torres, 2015; Ross, 2009; Silveirinha, 2001; Van Zoonen, 1994, 2010, in Cerqueira, Magalhães & Cabecinhas, 2016: 5).

O campo de investigação em torno dos média, gênero e direitos humanos encontra-se hoje em franca expansão a nível (inter)nacional, sendo marcado por várias tensões e por uma complexidade cada vez maior (Van Zoonen, 2010). Parece-nos, pois, necessário contribuir para o aprofundamento da reflexão crítica e politicamente comprometida, sobretudo numa altura em que os média fazem parte dos muitos eixos do neoliberalismo, as “lutas no campo do gênero continuam” (Silva *et al*, 2017: 14), as relações de poder e as hierarquias (simbólicas) se cristalizam, os discursos de ódio adquirem

legitimidade pública e os direitos conquistados são alvo de retrocessos.

Esta edição especial da revista *Gênero & Direito* é dedicada à temática *Mídia, Gênero & Direitos Humanos* e parte da necessidade de se fomentar um debate conjunto sobre temas diversos mas que se cruzam no âmbito dos estudos feministas dos média. Composta por contributos provenientes do contexto brasileiro e português, esta publicação abarca diferentes posicionamentos teóricos, metodológicos e empíricos. São várias as plataformas mediáticas analisadas, bem como é transversal uma preocupação em atentar na esfera da produção, dos conteúdos e da receção, seguindo uma linha já vigente na academia internacional (Cerqueira et al, 2014; Krijnen & Van Bauwel, 2015). *Diálogos (im)possíveis* parece uma boa designação para o leque de trabalhos que encontramos nesta edição especial, um vez que “os media têm um enraizamento paradoxal na experiência simbólica”, apresentando-se quer como “dispositivos de administração e controlo”, quer como plataformas de “resistência social” (Esteves, 2003: 93).

A edição tem início com o artigo **A violência contra as mulheres como uma violação dos direitos humanos: do positivado ao noticiado**, da autoria de Brenda Fernandes e de Carla Cerqueira, que apresenta um estudo exploratório sobre o Brasil e Portugal no sentido de compreender o modo como os média abordam a violência contra as mulheres, nomeadamente quando estas são figuras públicas. A análise realizada permite concluir que os média não tratam a violência contra as mulheres como uma violação dos direitos humanos, optando, ao invés, por representá-la como uma situação isolada, pontual e desprovida de um carácter ideológico.

As investigadoras Ariana Pinto Correia, Sofia Neves, Sílvia Gomes e Conceição Nogueira em **O femicídio na intimidade sob o olhar dos media: reflexões teórico-empíricas** apresentam uma revisão crítica da literatura sobre a cobertura noticiosa do femicídio, sendo este encarado como uma das mais graves formas de violência de género. As autoras apontam para a necessidade de se investir na literacia crítica para os

média no sentido de potenciar um entendimento sobre a ideologia de género que está na base e sustenta a violência contra as mulheres.

Em **Pensar o Género na publicidade: percepções de estudantes do ensino superior português**, Ana Reis Jorge, Carla Cerqueira e Sara I. Magalhães discutem os resultados do projeto *PubliDiversidade*, focado na análise das representações de género na publicidade. Através da realização de grupos focais, analisam as percepções de jovens universitárias/os da área de comunicação relativamente à dimensão de género na publicidade, enfatizando as estratégias de auto e heteroregulação existentes. Concluem com a necessidade de ampliação de uma literacia publicitária crítica, pautada pela promoção da igualdade de género.

No artigo **De Healer à Commando: Estereótipos de género na construção das personagens femininas em Final Fantasy XIII**, Luísa Kaanan apresenta uma análise a partir de 50 horas de jogo, com apoio de sites oficiais, de fãs e do manual do jogo. A autora chega à conclusão que as personagens femininas tendem a ser

construídas a partir das categorias sexuais, refletindo estereótipos e papéis de gênero tradicionais.

Letícia Sarturi Isaia e Carla Cerqueira no artigo **Mulheres, empoderamento e autoestima: a influência dos blogs de moda na identidade Plus Size** focam-se neste tipo específico de blogs, nomeadamente “Entre Topetes e Vinis”, do Brasil, e “GabiFresh”, dos EUA, de forma a perceber os laços existentes entre o corpo das mulheres e a moda na promoção da identidade *plus size*. Da análise concluem, entre outros aspetos, que estes funcionam como pontos de resistência diante do *mainstream* que fomenta determinados padrões estéticos e exclui e/ou secundariza outros, sobretudo no que concerne ao corpo das mulheres.

Em **Gênero e jornalismo parlamentar em Portugal**, Carla Baptista parte de entrevistas a repórteres parlamentares e deputadas portuguesas, realizadas no âmbito do projeto *Política no Feminino: Políticas de Gênero e Estratégias de Visibilidade das Deputadas Parlamentares*, para analisar os défices ao nível da participação de mulheres e de temáticas

relacionadas com o gênero na cobertura jornalística do Parlamento em Portugal. Das conclusões ressalta o desinteresse dos/as jornalistas parlamentares pela cobertura de iniciativas legislativas sobre políticas de gênero.

A fechar a edição especial, Sara Moreira, Sara I. Magalhães e Conceição Nogueira assinam o artigo **Contornar e Contorcer(-se): Contorcionismos na objetificação das mulheres em contexto político pelos média portugueses**, no qual analisam as representações jornalísticas de mulheres que exercem cargo políticos, auscultando os mecanismos de objetificação acionados nas narrativas do seminário português *Expresso*. Os resultados mostram que prevalecem representações genderizadas, essencialistas e pouco inclusivas, sendo que a despersonalização surgiu como o mecanismo mais recorrente de objetificação das mulheres que exercem cargos políticos.

Na secção livre, Eduardo R. Rabenhorst reflecte sobre **Visibilidade e Direito: Esboço de um problema**. O autor traça um esboço de investigação sobre a relação entre cultura visual e direito, focando na necessidade de reconhecimento social e jurídico de

grupos considerados minoritários ou vulneráveis.

No que concerne à secção de resenhas, esta edição tem início com um texto de Nuno Santos Carneiro sobre o livro *¡Divinas! Modelos, Poder y Mentiras*, de Patrícia Soley-Beltran (2015). De seguida, Maria Helena Santos resenha o livro *Mulheres, Liderança Política e Media* (2015), de Carla Martins. A fechar a edição, Rui Vieira Cruz apresenta uma resenha da obra *Slutwalk, Feminism, Activism and Media*, da autoria de Kaitlynn Mendes (2015).

## Referências bibliográficas

Cerqueira, C. & Cabecinhas, R. (2012). Políticas para a igualdade entre homens e mulheres nos media: da (inov)ação legislativa à mudança social. *Ex Aequo*, 25: 105-118. URL: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602012000100009](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000100009).

Cerqueira, C.; Magalhães, S. I.; Santos, A.; Cabecinhas, R. & Nogueira, C. (2014). De outro género: Propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo. Braga: CECS. URL:

[http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/issue/view/156/showToc](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/156/showToc).

Cerqueira, C.; Cabecinhas, R. & Magalhães, S. I. (2016). Gender and media: where do we stand today? In C. Cerqueira; R. Cabecinhas & S. I. Magalhães (Eds.), *Gender in focus: (new) trends in media* (pp. 5-11). Braga: CECS. URL: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/2335/2251](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2335/2251).

Esteves, J. P. (2003) Espaço público e democracia. Lisboa: Edições Colibri.  
Krijnen, van Bauwel. S. (2015). *Gender and Media: Representing, Producing, Consuming*. London and New York: Routledge.

Silva, M. C.; Lima, L.; Sobral, J. M.; Araújo, H. & Ribeiro, F. B. (2016). Introdução, estratégias de pesquisa e síntese dos contributos. In M. C. Silva; M. L. Lima; J. M. Sobral; H. Araújo & F. B. Ribeiro (Eds.). *Desigualdades e Políticas de Género* (pp. 9-24). V. N. Famalicão: Húmus.

Silveirinha, M. J. (2004).  
'Representadas e representantes: as  
mulheres e os media'. Revista Media &  
Jornalismo, As mulheres e os media, 5,  
(3): 9-30.

Van Zoonen, L. (2010). 'Preface'. In, T.  
Krijnen; C. Álvares & S. Van Bauwel.  
(Eds.), Gendered Transformations.  
Theory and Practices on Gender and  
Media (pp.1-8). Bristol: Intellect.